

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Curso de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes
Visuais

Frederico Rollin Pinheiro Bastos

PROCESSO CRIATIVO DE FAYGA OSTROWER:
4 propostas artísticas educativas

Rio de Janeiro
2022



Frederico Rollin Pinheiro Bastos

PROCESSO CRIATIVO DE FAYGA OSTROWER:

4 propostas artísticas educativas

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

Orientadora Prof^ª Doutora Luísa Mendes Tavares

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

B327 Bastos, Frederico Rollin Pinheiro.

Processo Criativo de Fayga Ostrower: 4 propostas artísticas educativas / Frederico Rollin Pinheiro Bastos. – Rio de Janeiro, 2022.

20 f.

Artigo Acadêmico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Luísa Mendes Tavares.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Arte. 3. Criatividade. 4. Percepção. I. Tavares, Luísa Mendes. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Frederico Rollin Pinheiro Bastos

PROCESSO CRIATIVO DE FAYGA OSTROWER:
4 propostas artísticas educativas

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Profª Doutora Luísa Mendes Tavares (Orientadora)
Colégio Pedro II

Profª Doutora Daniele Marçal Spada
Universidade Veiga de Almeida

Prof. Mestre Shannon Figueiredo de Souza Botelho
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2022

PROCESSO CRIATIVO DE FAYGA OSTROWER: 4 propostas artísticas educativas

Frederico Rollin Pinheiro Bastos

Resumo: Este artigo trata das relações entre o processo criativo e a educação. Se propõe a refletir sobre as contribuições de Fayga Ostrower para o processo criativo e suas ressonâncias para a educação e a vida; a estabelecer possíveis diálogos com Ana Mae Barbosa e Paulo Freire e a propor práticas artísticas educativas tendo em vista os conceitos discutidos. Este artigo abordará os conceitos de Fayga Ostrower sobre o potencial, a sensibilidade e a percepção, o espaço e a expressividade latentes em cada indivíduo os quais dão sentido à vida. O primeiro se relaciona à capacidade de criação do indivíduo sensível-consciente-cultural; o segundo, à constante atenção do indivíduo consigo mesmo e o mundo; o terceiro, ao espaço como mediador entre experiência e expressão e, o último, à linguagem da arte como forma de comunicação. Considera-se que a artista e educadora contribui ainda nos dias de hoje de modo único e singular para o processo criativo e a educação artística.

Palavras-chave: Processo Criativo, Ensino de Arte, Sensibilidade e Percepção.

Fayga Ostrower's creative process: Four educational artistic proposals

Abstract / Resumen: This article refers to the relationship between the creative process and education. It proposes a reflection on Fayga Ostrower's contributions to the creative process and its resonances for education and life; to establish possible dialogues with Ana Mae Barbosa and Paulo Freire and to propose educational artistic practices in view of the concepts discussed. This article approaches Fayga Ostrower's concepts about potential, sensitivity and perception, space and expressiveness latent in each individual, which give meaning to life. The first concept is related to the cultural-sensitive-conscious individual's ability to create; the second one, to the individual's constant attention to themselves and the world; the third one, to space as a mediator between experience and expression and, the last one, to the language of art as a form of communication. It is considered that the artist and educator still contributes today in a unique and singular way to the creative process and artistic education.

Keywords / Palabras-clave: Creative Process, Art Teaching, Sensitivity and Perception.

1. INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de conclusão de curso do Programa de Pós-Graduação em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro.

O ensino de arte é de maior importância para o desenvolvimento do indivíduo e de uma sociedade reflexiva e crítica. Tanto o fazer quanto a apreciação artística trazem em sua linguagem questionamentos que proporcionam a estruturação do pensamento a partir da reflexão acerca dos recortes temáticos dos assuntos desenvolvidos. Além disso, as linguagens artísticas dialogam com diferentes saberes em suas mais diversas áreas do conhecimento.

Este artigo trata das relações entre o processo criativo e a educação. Se propõe a refletir sobre as contribuições de Fayga Ostrower para o processo criativo e suas ressonâncias para a educação e a vida; a estabelecer possíveis diálogos com Ana Mae Barbosa e Paulo Freire e a propor práticas artísticas educativas.

Fayga Ostrower foi uma artista, professora e pesquisadora de arte. Além de sua prática artística com gravura, pintura, desenho e ilustração, Ostrower se dedicou ao ensino e à investigação sobre as questões de arte e da criação artística, dando uma contribuição ímpar, como artista e pesquisadora, para que se possa, inclusive, refletir sobre o processo criativo. Ostrower publicou vasta bibliografia acerca do tema, dentre os quais *Criatividade e Processos Criativos* (RJ: Editora Vozes, 2014), *Acasos e Criação Artística* (Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013a), *Universos da arte* (Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013b) e, ainda, o artigo *a Construção do Olhar* (in NOVAES, Adauto, (org.). *O Olhar*. SP: Companhia das Letras, 1988). Essa bibliografia serviu como embasamento teórico para construção desse estudo.

Ana Mae Barbosa, uma das principais arte-educadoras do país, resgata a história do ensino da arte no Brasil, desenvolve a abordagem triangular, metodologia para o ensino de arte, e defende a importância do campo da arte no ensino e para a vida das pessoas. Como a autora apresenta, a educação no Brasil e o ensino de artes visuais já passaram por diversas vertentes e questionamentos ao longo dos anos, pois arte é luta, arte é resistência (Barbosa, 2014). Tanto Ana Mae quanto Fayga Ostrower defendem a arte como forma de sensibilização e de elaboração do pensamento crítico do ser humano. Esse comportamento diante do viver configura uma forma se colocar diante do mundo.

Paulo Freire, educador, desenvolve a pedagogia do oprimido em que propõe a emancipação dos indivíduos a partir do ensino horizontal, que permite a práxis, possibilita o desenvolvimento da autonomia, do afeto e da reflexão crítica a partir de experiências trazidas pelos mesmos. Para Paulo Freire, no ensino tradicional chamado de ensino bancário, no

conceito desenvolvido pelo autor (2010), a educação se dá atendendo aos interesses do capital, em que o saber é imposto de forma vertical ao indivíduo. Sendo assim, esse tipo de educação é uma das bases para perpetuação das desigualdades. Entendemos, portanto, que Fayga Ostrower, Ana Mae Barbosa e Paulo Freire defendem a prática educativa em que os indivíduos aprendam a aprender. Uma prática na qual se valoriza e se propõe a ampliar a sensibilidade individual, em que a estética e ética caminham juntas.

Este artigo abordará os conceitos de Fayga Ostrower sobre o potencial, a sensibilidade e a percepção, o espaço e a expressividade latentes em cada indivíduo os quais dão sentido à vida. O primeiro se relaciona à capacidade de criação do indivíduo sensível-consciente-cultural; o segundo, à constante atenção do indivíduo consigo mesmo e o mundo; o terceiro, ao espaço como mediador entre experiência e expressão e, o último, à linguagem da arte como forma de comunicação.

Tendo em vista os conceitos discutidos, este estudo possibilita a reflexão sobre o processo criativo no ensino de artes visuais. Com o propósito de contribuir para isso, após a apresentação e reflexão sobre cada conceito eleito, serão apresentadas quatro propostas artísticas educativas. As propostas terão como referência quatro artistas contemporâneos, a saber: Priscila Rooxo, Jonathas de Andrade, Panmella Castro e Daiara Tukano, que em suas obras estabelecem a relação entre si (o artista) e o mundo, articulando da experiência à expressão. As propostas objetivam à sensibilização do educando a partir do ensino de artes visuais para a sua realização em seu viver.

Como Fayga Ostrower (2014) diz, a criação é uma necessidade existencial do ser humano. Todos os indivíduos criam. Essa é uma premissa que perpassa o existir da vida humana. Em consonância com os demais autores citados, Ostrower defende que a busca por novas coerências na vida se dá em razão da incompletude do ser em seu viver. Isso é o que tem movido os indivíduos nas sociedades no seu sonhar e imaginar. Dessa forma, o processo criativo abrange nossa forma de estar e viver no mundo.

2. POTENCIAL

Fayga Ostrower (2014) argumenta que no seu viver o ser humano está em constante transformação. Essa transformação, de acordo com a autora, faz parte da própria motivação em se realizar na plenitude do viver, individual e coletivamente. Assim, para a autora, o processo de criação compreende toda a existência do ser. Dessa forma todos os indivíduos são capazes de criar.

Fayga Ostrower compreende que essa motivação existencial se dá “na integração do consciente, do sensível e do cultural” (OSTROWER, 2014, p.11). A autora argumenta que cada uma dessas qualidades atua em reciprocidade, simultaneamente, uma sobre a outra. No contexto cultural e de acordo com a própria história, o indivíduo desenvolve a consciência e a sensibilidade.

De acordo com Fayga Ostrower, os processos de criação, que ocorrem de forma intuitiva, estão ligados diretamente à sensibilidade de cada pessoa. Para a autora, a sensibilidade se configura como o estado de atenção sensorial constante do indivíduo. Nesse sentido, a autora argumenta que a sensibilidade é a porta de entrada, que permanece sempre aberta, para o mundo. Assim, a sensibilidade conecta o indivíduo ao mundo seu redor. Para a investigação dos processos criativos, a sensibilidade que interessa à autora é a percepção - a sensibilidade que chega ao consciente de forma organizada. Segundo Ostrower, “a *percepção é a elaboração mental das sensações*” (OSTROWER, 2014, p.12, grifos da autora).

A percepção abrange os estímulos internos ou externos que um indivíduo sente e compreende, separando o que se percebe do que não se percebe. Assim, o ser humano apreende o próprio ato de apreender, o que permite que o homem compreenda.

Fayga Ostrower entende o ser humano como um ser cultural e define cultura como “as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte” (OSTROWER, 2014, p.13).

Dessa forma, a cultura dá forma ao comportamento do ser humano. Dentro da sua cultura, o ser humano formará sua individualidade. A cultura influenciará toda a criação, assim como também será influenciada pela ação de cada indivíduo. Pode-se dizer, portanto, que há uma influência recíproca entre o indivíduo e a cultura, mediada pelo ato de criar.

De acordo com Fayga Ostrower, o ser humano ao perceber sua individualidade também se percebe socialmente. Dessa forma, a consciência de cada um representa a sua existência individual e também a sua cultura. No desenvolvimento da consciência, a cultura age sobre as necessidades de cada pessoa. As formas expressivas, linguagem e comunicação, estão associadas às inferências culturais. A cultura influencia simultaneamente a sensibilidade e a consciência de cada indivíduo. O ser sensível se torna aculturado e, assim, alimenta a imaginação individual. Ao longo da vida, a cultura direciona os indivíduos em seu pleno viver.

A autora diz que a sensibilidade se relaciona à própria criatividade, pois articula os potenciais individuais e culturais. “Nessa integração que se dá de potencialidades individuais

com potencialidades culturais, *a criatividade não seria então senão a própria sensibilidade*. O criativo do homem se daria ao nível do sensível” (OSTROWER, 2014, p.17, grifos da autora).

Além disso, a sensibilidade se relaciona à criatividade na realização de “uma atividade social significativa para o indivíduo” (OSTROWER, 2014, p.17). A autora argumenta que qualquer atividade que articule o consciente, o cultural e o sensível configura um criar. Dentro desse contexto, como Ostrower (2014) diz muitas vezes, a criatividade não está associada somente ao fazer artístico, qualquer atividade que se realize pode ser criadora. As potencialidades individuais acontecerão em conjunto às propostas culturais existentes na sociedade.

Dessa forma, no consciente de um indivíduo, a memória tem papel fundamental. Ela possibilita ao ser humano a compreensão do presente ao conectar o passado e futuro, possibilitando também uma percepção fluida do tempo do presente ao passado e uma projeção de futuro. Com a memória o ser humano pode se desenvolver ao passar seus aprendizados às sucessivas gerações. Isso faz com que seja possível articular as experiências vividas e adequá-las ao seu comportamento futuro. Essa articulação servirá de guia para os eventos que ocorrem no seu viver.

Além disso, a capacidade de guardar os acontecimentos na memória caracteriza a ampliação da percepção física a que o indivíduo está limitado. Ainda é possível, associar as percepções sensoriais à experiência, o que contribui para a configuração de uma nova experiência. A memória, assim, é fundamental para que isso ocorra, pois ela influencia a capacidade de imaginação e a linguagem de um indivíduo.

Segundo Ostrower, a memória pode ser reavivada em situações novas a partir de um contexto similar ao momento guardado. A autora argumenta ainda que a afetividade tem importância fundamental na aprendizagem. Dessa forma, as relações afetivas, como o respeito, podem ajudar no ensino. Isso significa que cada vez que um indivíduo reaviva sua memória, ele acrescenta a ela novas experiências vivenciais. A memória existente, então, é uma memória da vida experimentada. Ela, ainda, está, sempre, aberta a novas conexões e relações.

Segundo Fayga Ostrower (2014), o mundo imaginativo é composto em sua essência por associações. As associações ecoam no interior de cada indivíduo que, a partir de experiências vivenciais e do sentimento de vida, conectam ideias e sentimentos. Isto é, estabelecem o fazer imaginativo que nos leva para o mundo da fantasia. Em outras palavras, as associações contribuem para o desenvolvimento da capacidade de se elaborar eventos mentalmente.

De acordo Ostrower (2014, p.20), “Pensamos através da fala silenciosa”. Em muitos casos, a imaginação vem em palavras. Nesse sentido, a construção da língua, o que se fala e

pensa, se insere em um contexto afetivo e intelectual de determinada cultura. De acordo com a autora, a partir da fala, o indivíduo pode relacionar o real à ideia, indicar e representar conceitos, a partir dos significados numa dada cultura.

Na percepção de si mesmo o homem pode distanciar-se dentro de si e imaginativamente colocar-se no lugar de outra pessoa. Em virtude do distanciamento interior, a expressão de sensações pode transformar-se na comunicação de conteúdos subjetivos. O homem pode falar com emoção, mas ele pode falar também sobre as suas emoções. Estende a comunicabilidade a conteúdos intelectuais. Ele pensa e pode falar sobre seus pensamentos. Refletindo a respeito de dados perceptivos do mundo, o homem pode formular ideias e hipóteses de crescente complexidade intelectual e comunicá-las aos outros como propostas de futuras atividades (OSTROWER, 2014, p.22).

O indivíduo, então, é capaz de, através de sua percepção, “[...] dissolver situações globais em conteúdos parciais” (OSTROWER, 2014, p.23). Essa percepção do todo e sua decomposição em partes permite a reformulação de novos conceitos.

Além das palavras, Fayga Ostrower argumenta que a comunicação acontece através das formas, “por meio de ordenações, se objetiva um conteúdo expressivo. *A forma converte a expressão subjetiva em comunicação objetivada.* Por isso, o formar, o criar, é sempre um ordenar e comunicar” (OSTROWER, 2014, p.24, grifos da autora).

Um indivíduo compreende as formas propostas e responde com outras formas. Essas formas se associam aos fenômenos a quais cada indivíduo percebe e significa. Assim, a autora define o conceito de formas simbólicas na comunicação, quando em sua configuração compreendem o espaço e tempo. Somente assim, para Ostrower, é possível avaliar “a percepção de nós mesmo e nossa experiência do viver – não há outro modo de configurá-las em nós e trazê-las ao nosso consciente” (OSTROWER, 2014, p.25). Dessa forma, para a autora, é através da relação do espaço e tempo na articulação entre as formas e as experiências vivenciais, que se fundamenta a expressividade na comunicação.

Nesse sentido, de acordo com Ostrower, o conteúdo das formas simbólicas por sua qualificação espacial e temporal representam o conteúdo de experiências vivenciais. Um indivíduo compreende a si mesmo e percebe o mundo ao seu redor, transformando a si mesmo e o mundo, configurando, assim, suas “ordenações interiores”. Essa “ordenação interior” em cada indivíduo servirá de base para a compreensão de si e do mundo a sua volta. A autora, assim, caracteriza as diferenças individuais no processo criativo e que este está associado aos contextos internos e externos.

Fayga Ostrower diferencia o potencial criador do processo criativo. O primeiro, se dá de forma mais geral, é o potencial que configura os processos criativos. O segundo é mais

específico, é a realização desse potencial, o qual a autora define “como processos ordenadores e configuradores” (OSTROWER, 2014, p.26).

Segundo Ostrower, ao criar, um indivíduo percorre um caminho de possibilidades. Em cada escolha que faz nesse caminho, outras possibilidades são excluídas. Continuamente, a partir da compreensão do que já foi feito, configuram-se novas possibilidades, ampliando os caminhos. Para Ostrower, “o potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida” (OSTROWER, 2014, p.27).

Fayga Ostrower compreende a criatividade como uma energia que se amplia e se alimenta a partir de seu desenvolvimento. A autora denomina de tensão psíquica a capacidade de concentração e a manutenção do potencial criador. Esse processo, que evidencia a experiência de viver como ser criador, se dá a partir da necessidade interior do indivíduo em realizar-se plenamente em seu viver. Essa capacidade é fundamental nos processos de criação, pois dessa forma o potencial criador se encontra continuamente renovado. Quanto maior controle um indivíduo apresenta sobre esse processo, mais estruturado é o seu fazer. Ostrower diz que “*as potencialidades existentes constituirão sua própria motivação; serão uma proposta permanente do indivíduo, uma proposta de si para si*” (OSTROWER, 2014, p.27, grifos da autora).

O processo de criação apresentado por Fayga Ostrower, em que o ser é impelido a criar como necessidade existencial, dialoga com a proposta da pedagogia da autonomia e do oprimido apresentada por Paulo Freire (2002; 2005) e Ana Mae Barbosa (2014). Nesse processo, para Ostrower, o ser se relaciona consigo mesmo e com o mundo, na compreensão dos fenômenos, na reformulação de novas coerências a partir de sua sensibilidade. Acrescenta-se que, de acordo com Ana Mae Barbosa, essa forma de se pensar, também, é fundamental no desenvolvimento crítico reflexivo dos indivíduos, sendo, assim, uma forma de se colocar diante do mundo.

Utilizando-se de termos similares, Paulo Freire, por sua vez, reflete sobre o inacabamento (2002) e inconclusão (2010) do ser humano como experiência vital. O autor argumenta que a consciência do inacabamento leva o ser à ação formadora balizada pela afetividade no que se refere tanto ao seu crescimento quanto à sua existência e resistência. O ser humano, assim, se torna consciente, apreendedor e transformador dos espaços e dos conteúdos latentes. Paulo Freire, ainda, defende a necessidade de valorização dos saberes dos educandos relacionando-os ao ensino dos conteúdos e ao debate de assuntos que contemplem as experiências de cada um. Assim como para Fayga Ostrower, Paulo Freire defende o respeito

à curiosidade do educando. Isso está diretamente relacionado à sensibilidade de cada um e à sua busca que se manifesta em seu fazer.

2.1. Proposta artística educativa

A primeira proposta artística é delimitada a partir do diálogo entre Fayga Ostrower, Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, em que se considera a capacidade de compreensão e reformulação como forma de se pensar, favorecendo uma constante transformação e aprendizagem. Articula-se, aqui, simultaneamente, a sensibilidade e a percepção junto à cultura, a partir do relacionamento de si mesmo com o mundo.

A fim de evidenciar o potencial em cada indivíduo, a proposta tem como referência o trabalho de Priscila Rooxo. Em seus retratos (Figura 1), a artista evidencia a figura feminina como sujeito de sua própria narrativa a partir de diversas cenas e objetos cotidianos com base em sua própria vivência.

Figura 1 - da esq. para dir., A mãe tá on; Resenha e Maternidade; Paula Maria, irmã



Fonte: INSTAGRAM.COM/PRISCILAROOXO (2021)

A proposta artística consiste na elaboração de um álbum fotográfico em que o educando se identifique em diversas temáticas cotidianas a partir de suas vivências. As imagens desse álbum posteriormente serão utilizadas como referência temática na prática de pintura. Dessa forma, o educando vivenciará e sintetizará passo a passo os conceitos por Fayga Ostrower, em consonância com Paulo Freire. Na prática o educando entrará em contato com sua cultura, com sua memória, com sua afetividade. A partir disso, o educando poderá estabelecer diversas associações entre seus sentimentos e sua experiência de vida, sintetizando esse conteúdo em suas pinturas.

3. SENSIBILIDADE E PERCEPÇÃO

Segundo Fayga Ostrower (1988), o ser humano é criativo por natureza. No próprio perceber, compreender e interpretar já se dá o início da criação. A autora compreende “a percepção como um processo altamente dinâmico” (OSTROWER, 2013a, p.57), que se configura a partir das necessidades e expectativas individuais. Embora se tenha semelhança biológica no desenvolvimento da percepção no ser humano, a cultura em que se está inserido influencia os processos configuradores em cada indivíduo.

Segundo a autora, “a percepção é essencialmente uma experiência” (OSTROWER, 2013a, p.61). Isso justifica-se, pois, em seu viver um indivíduo é bombardeado a todo momento com muitos estímulos. Complementa afirmando que “ao integrar nossa capacidade intelectual e sensível, a percepção se identifica com a própria intuição” (OSTROWER, 2013a, p.61). Dessa forma, as necessidades de cada indivíduo selecionam uma parte dos estímulos e os hierarquizam, descartando o restante. Essa seletividade se dá de forma coerente de acordo com os interesses individuais. Ostrower afirma:

Nesses encontros do mundo exterior com um mundo interior nosso, de anseios e desejos, a resposta que damos aos desafios da vida, às imposições ou oportunidades, será mais do que uma mera reação. Nossa resposta conterà uma ação imaginativa – por mais banal que seja a ocasião – e poderá até ser um ato opcional. Pois o momento de percepção representará também um momento de realização de nossa condição humana (OSTROWER, 2013a, p.62).

Continua:

Em todas as interpretações que fazemos, os pensamentos se enlaçam com emoções e sentimentos de autoafirmação, e também de intenções. É sobremodo significativo que o termo “perceber” seja sinônimo de “compreender”. O referencial somos nós mesmo, tentando esclarecer melhor o sentido de nosso ser e nos compreender. Daí o conhecimento maior sobre o mundo levar a um conhecimento maior de nossa identidade (OSTROWER, 2013a, p.62).

Ostrower assim destaca o dinamismo e a complexidade dos processos perceptivos em que simultaneamente ocorrem a compreensão, a interpretação e a experiência vivencial, o que se dá a partir da projeção de um único ou de múltiplos contextos. Segundo a autora, por motivos íntimos através de “análises e sínteses, componentes e contextos, partes e novas totalidades, podemos destacar os aspectos e recompô-los” (OSTROWER, 2013a, p.63), cada indivíduo em sua complexidade concebe novas concordâncias em sua vida.

Para a autora, a própria noção de percepção está relacionada as delimitações e só se é possível a compreensão dos fenômenos a partir de delimitações que os configuram. O artista ao iniciar uma pintura, por exemplo, parte de uma superfície. “A superfície tem margens, limites. E, *por ter limites, ela tem forma*” (OSTROWER, 2013a, p.80, grifos da autora).

De acordo com Ostrower, a relação entre a percepção e o espaço na configuração e na compreensão da forma expressiva se estabelece no processo criativo a partir do diálogo e transformação entre algumas referências: a forma do plano pictórico, as formas espaciais, o conteúdo existencial, as formas objetivas. O primeiro se relaciona ao contexto espacial, o segundo ao conteúdo expressivo, o terceiro às experiências de vida e o último a objetividade das formas da arte. Assim, pode-se afirmar que no processo criativo na arte se configura expressiva e espacialmente com as experiências vividas. Isso abrange às situações de vida, os sentimentos, a própria existência. A manifestação artística abrange um conteúdo existencial. Como diz a autora: “somente na medida em que o artista for capaz de aprofundar-se em seu próprio vivenciar subjetivo até alcançar algo comum a todos, ele será um poeta, falando de sua humanidade para a humanidade de outros” (OSTROWER, 2013a, p.87).

Portanto, nessa dinâmica, um indivíduo articula espontaneamente os contextos, decompondo e reorganizando suas partes dando uma significação própria, tendo como referência experiências anteriores. Para a autora nesse momento já se evidenciam se aproximam “*os princípios fundamentais na percepção e na criação artística*” (OSTROWER, 2013a, p.63, grifos da autora).

Paulo Freire (2005), assim como Fayga Ostrower, também evidencia a capacidade de ampliação do campo perceptivo a partir do processo reflexivo do o indivíduo entre si mesmo e o mundo. Dessa forma, no desenvolvimento teórico de Fayga Ostrower sobre o processo criativo, a sensibilidade e a percepção terão papel fundamental. Isto ocorre, pois é através da percepção, relacionada à sensibilidade, que um indivíduo compreende a si mesmo e o mundo a sua volta.

3.1 Proposta artística educativa

A segunda proposta artística será focada na sensibilidade e na percepção do educando. A proposta se dá partir do dialogo dos conceitos de Ostrower e Freire. De acordo com o qual, nesse caso, a sensibilidade e a percepção se ampliam com a prática reflexiva de si mesmo em relação ao mundo. Considerando as necessidades individuais, a sensibilidade pode se realizar no olhar atento capaz de compreender o mundo.

A fim de despertar a sensibilidade e a percepção em cada indivíduo, a proposta tem como referência o trabalho Educação para Adultos, 2010 de Jonathas Andrade (Figura 2). A obra do artista faz referência a série de cartazes educacionais desenvolvidos por Paulo Freire

na década de 70 que visavam a alfabetização da população em conjunto a uma formação crítica. Os cartazes relacionavam imagens às palavras do universo do aluno.

Figura 2 –Educação para adultos (2010)



Fonte: CARGOCOLLECTIVE.COM/JONATHASANDRADE

A proposta artística consiste na realização de cartazes que relacionem imagens do dia a dia a palavras que sintetizem o conteúdo da imagem. Este relacionamento se dará a partir dos interesses individuais de cada um.

Para a realização da atividade é necessário um dispositivo fotográfico ou acesso a pesquisa online, para que ao longo de um período o educando possa registrar momentos que lhe sejam percebidos em seu dia ou a realização da pesquisa por imagens online. Assim, o educando poderá articular sua curiosidade e percepção ao dia-a-dia e sintetizar e simbolizar seu conteúdo. Ao final o grupo de educandos poderá refletir com uma série de cartazes que dialogam com suas experiências vivenciais.

4. O ESPAÇO COMO MEDIADOR ENTRE A PERCEPÇÃO E A VIDA

Na elaboração mental da sensibilidade de um indivíduo que configura sua percepção, Ostrower evidencia o espaço como mediador perceptivo da expressividade e da experiência de vida. Esse conceito é fundamental para a compreensão do processo criativo quando autora articula as associações e as ordenações da sensibilidade, da consciência e da cultura ao potencial criador do ser humano.

Fayga Ostrower (2013a) analisa o conceito de espaço a partir de dois pontos que dialogam entre a experiência e a expressão. O primeiro traz o espaço como forma elementar da linguagem visual. O segundo, é que a nossa consciência e imaginação, se articula em formas espaciais e contribui na construção da nossa personalidade, percepção e sensibilidade, constituindo-se como meio e modo de conscientização.

O conceito de espaço é, pois, fundamental para a compreensão do processo criativo. Para autora, o espaço articula o potencial criador do ser humano. Nesse sentido, as experiências espaciais e sua percepção são a base da experiência da vivência humana. Assim, para Ostrower, se estabelece a universalidade da linguagem da arte, já que está relacionada à percepção das pessoas. Nesse contexto a expressividade das formas espaciais se articula nas experiências vivenciais.

Nos primeiros anos de vida, essas experiências primordiais são vividas de modo semelhante e em etapas semelhantes por todos os seres humanos. As referências biológicas são as mesmas referências psíquicas também – as formas de espaço constituindo tanto o meio como o modo de conscientização. Nesses processos, o espaço vem a ser mediador entre a experiência e a expressão – o único mediador possível. Só podemos mesmo imaginar: em termos de imagens de espaço. Não há outro modo. Constituindo o acervo da própria imaginação, as formas de espaço constituem a *metalinguagem*, referencial ulterior de todos os modos de expressão e de comunicação humana (OSTROWER, 2013a, p.79-80).

Nós vivemos através do espaço. Nossos corpos ocupam espaços. O espaço articula o diálogo entre experiência e expressão. Dessa forma, na arte não existe espaço neutro, pois os espaços são articulados com a experiência de vida. Como nós nos comunicamos através de formas de espaço, a relação entre a experiência de vida e as formas do espaço evidenciam o afeto, o emocional e o comportamento intelectual.

Nesse sentido, de acordo com Ostrower, as vivências do espaço balizam as formas de linguagem. As experiências de vidas se estruturam em formas espaciais como espaços vividos. Assim, como diz a autora:

Nessa experiência fundamental se desenvolvem a consciência, a percepção e autopercepção das pessoas, assim como seu senso de identidade. E o caminho primeiro, único e último, de cada um realizar sua capacidade de sentir e pensar, de sentir-se e pensar-se dentro do mundo em que vive (OSTROWER, 2013a, p.137).

Ostrower reflete sobre o crescimento do ser humano e o desenvolvimento na estruturação perceptiva do espaço, diferenciando o intervalo no desenvolvimento da simbolização da noção de tempo e do espaço, da visão infantil da vida adulta. “O *tempo* terá então por sua vez uma referência externa: essa referência será o *espaço*” (OSTROWER, 2013a p.139, grifos da autora). Assim, segundo a autora, para criança a experiência da noção de tempo está ligada ao presente constante e à percepção do espaço já é vivenciada desde cedo, enquanto que na percepção do adulto espaço e tempo estão interligados.

A partir da teoria sobre o desenvolvimento cognitivo desenvolvida por Piaget (1995, apud OSTROWER, 2013a, p.140, nota 3), Fayga Ostrower relaciona a complexidade perceptiva do espaço ao dinamismo das transformações do amadurecimento decorrentes das

interações com a vida. “Assim, a partir de ações, ou seja, interações com o espaço, constituem-se as formas de nossa imaginação e de nossos pensamentos” (OSTROWER, 2013a, p.140). Esse processo engloba diferentes etapas, em que primeiro se forma o espaço perceptual e depois o espaço conceitual, que são atribuídas aos bebês, às crianças, ao jovem, ao adolescente e à maturidade. Durante esse processo, o espaço perceptivo se amplia e se reestrutura com base nas experiências de vida.

Fayga Ostrower, no entanto, se afasta da teoria de Piaget ao argumentar que à sensibilidade e os sentimentos de vida ampliam a expressividade na linguagem artística, para além da racionalidade das formas geométricas e da perspectiva. Segundo a autora, outros valores somam-se a essas transformações, são eles: as qualidades afetivas, o autodescobrimento e a memória. O primeiro se relaciona às formas espaciais e simbólicas; o segundo, à abertura a pluralidade da vida e experiências vivenciais individuais, o último à configuração da dimensão da temporalidade que possibilita a aprendizagem a partir dos próprios conteúdos vivenciais. Esses entrelaçamentos possibilitam além do agir intuitivo a compreensão da arte como formas dos valores humanos. A autora conclui que “Só se cria mesmo a partir da maturidade, pois “criar” significa reformular e reestruturar, e o que se reformula são os conteúdos de vida, as visões de vida” (OSTROWER, 2013a, p.160).

Segundo Ostrower, a sensibilidade e a percepção ampliam a configuração espacial, como novas formas expressivas, evidenciadas na arte, na pluralidade das experiências vivenciais. Entretanto, a agressividade da sociedade de consumo de massas oprime a sensibilidade das pessoas. De acordo com a autora, isso, além de distanciar o público da arte, afasta as pessoas de seu pleno viver, conduzindo a uma falsa satisfação de necessidades. Ostrower ainda considera que reeducar as pessoas, através da arte, pode reestruturar sua sensibilidade. Dessa forma, para a autora, a partir da sensibilidade se pode alcançar uma realização individual, um viver pleno. A autora afirma “a sensibilidade como fonte da criatividade espontânea das pessoas e a vivência de formas espaciais como língua franca da humanidade” (OSTROWER, 2013a, p.173).

Na percepção do espaço como mediador entre experiência e expressão cabe destacar o diálogo que se dá entre a autora e Paulo Freire (2005), quando este argumenta que a educação se dá na relação entre os indivíduos e mediada pelo mundo. Nessa prática o reconhecimento do espaço e do mundo propõe o diálogo entre os indivíduos e a interação deles com mundo à sua volta. Nessa reflexão o indivíduo se faz consciente de sua existência e do mundo.

4.1 Proposta artística educativa

A terceira proposta artística trará em seu desenvolvimento a percepção do espaço como experiências vivenciais. A proposta dialoga com os conceitos de Ostrower e Freire, em que a percepção e o aprendizado se dão a partir das relações vivenciais no espaço/mundo.

Tendo isso em vista, essa proposta se dará a partir da relação com corpo e o espaço. O corpo é um dos mediadores físicos e sensíveis, na percepção do espaço, entre o indivíduo e o mundo. Essa proposta terá como referência a artista Panmela Castro (Figura 3). Em seu trabalho, a artista busca a afetividade com o outro a partir das experiências vivenciais similares. Dessa forma, reconhece no outro semelhanças consigo mesmo. A representação do outro é a imagem das experiências vivenciais, tendo o corpo como mediador dessas experiências.

Figura 3 – da esq. para dir., Aisha MBikila, Maxwell e Raíssa e Thiago de Paula



FONTE: PANMELA CASTRO.WORDPRESS.COM/PORTFOLIO/VIGILIA (2021)

O espaço que o corpo ocupa, como delimitador e mediador das experiências vivenciais é o que mais interessa no desenvolvimento da proposta. Assim, a proposta artística consiste na realização de um mural quadrado de 3x3 metros, coletivo, a partir do desenho da linha e pintura dos corpos dos educandos na experimentação e movimentação sobre o mural. Para a realização da proposta é necessária a construção de um mural no chão com 3 tiras de papel de 1 metro de largura por 3 metros de comprimento. Por cima do mural, o educando poderá deitar, caminhar, sentar e se movimentar. Com base nessa experimentação, os participantes, posteriormente, contornarão os corpos de seus colegas em uma posição escolhida, de parte ou da totalidade do corpo, identificando os limites de seus próprios corpos e configurando o mural visualmente. Após os contornos traçados, os participantes pintarão seus corpos desenhados e o espaço ao redor, dialogando assim com suas experiências de vida. Essa proposta possibilita a gestualidade do corpo dentro das delimitações formais da estrutura espacial do mural. Ainda, reconhecer os

limites de si mesmo e dos outros. Este diálogo propõe uma relação recíproca de reconhecimentos da espacialidade e seus limites e, com isso, o respeito a si mesmo e ao outro.

5. ESPAÇO, FORMAS E EXPRESSIVIDADE

Fayga Ostrower considera que no processo criativo e na percepção a expressividade se qualifica na capacidade de compreensão e de síntese do conteúdo existencial e na coerência ao fazer. Isso reflete diretamente na compreensão da interação das formas e na estrutura global na arte. Como a reflete a autora: “todas as formas de uma imagem são simultaneamente estruturas expressivas” (OSTROWER, 2013a, p.93).

Nesse sentido, Ostrower enfatiza o dinamismo nos relacionamentos das totalidades e das partes que configuram diversos significados na composição dos variados contextos na percepção de um indivíduo de forma intuitiva. Assim, a autora estabelece que essas formas não são globais. Elas se reconfiguram de acordo com os contextos que um indivíduo percebe na busca de configurações de sentido pessoais, “ao percebermos, criamos os contextos significativos” (OSTROWER, 2013a, p.65).

Os contextos não são entidades fixas; eles resultam de estados de relacionamento. São configurações. *Gestalten*. São totalidades, que podem modificar-se através de novos relacionamentos. Ora o contexto se torna uma parte do componente de outra totalidade, ora da totalidade percebida isolamos qualquer detalhe e, centrando nossa atenção nele, ele se transforma de componente em contexto, em totalidade significativa. As situações são cambiáveis de acordo com os relacionamentos que fazemos, podendo nossa percepção viajar tanto em direção do maior e grande como em direção do menor e muito pequeno (sempre, porém, como veremos adiante entrará a questão da complexidade de estrutura formadas através dos relacionamentos (OSTROWER, 2013a, 63-64).

Ostrower relaciona a arte e a teoria da *Gestalt*, uma teoria sobre a percepção das formas desenvolvida pelo teórico alemão Max Wertheimer (1880-1947), em 1925. A *Gestalt* propõe que “O todo é mais que a soma de suas partes” (OSTROWER, 2013a, p.66). Isso significa que a percepção da forma se dá no relacionamento de suas partes, o que estabelece uma nova forma com novas características. De acordo com a autora, é nessas relações que se configuram o conteúdo expressivo nas obras arte. Cada parte da composição significará e receberá dela algum significado, formando novas partes e totalidades. Nessa formulação, o artista busca desenvolver, a partir de sua coerência, seu “*equilíbrio dinâmico conciliando forças diversas e atuantes. Equilíbrio expressivo*” (OSTROWER, 2013a, p.71, grifo da autora).

Por mais que em muitas vezes um artista possa ter uma ideia do que quer pintar, na prática sua criação se torna diferente do que foi pensado mentalmente. Segundo Ostrower, a

medida em que o artista configura sua imagem, a cada elemento que insere em seu trabalho a qualidade de sua composição se modifica. Somente, em seu processo, o artista compreende o caminho que precisa fazer na configuração de sua composição.

Para a autora, o artista tem como objetivo alcançar um equilíbrio interno numa composição. Para isso ocorrer, o contexto será repensando diversas vezes em seu processo, com “uma série de desequilíbrios e reequilíbrios, imprevisíveis” (OSTROWER, 2013a, p.70), com os quais o artista irá se deparar. Dessa forma, o artista se propõe a configurar “o estado de equilíbrio final *como um estado interior ativo*: unidade na diversidade, diversidade na coerência” (OSTROWER, 2013a, p.70).

A autora deixa claro que a qualificação das formas entre boas e más não é o mérito da questão. Nesse sentido a arte se diferencia da Gestalt, na qualidade expressiva da obra de arte. Isso consiste na complexidade e densidade de seus conteúdos, que devem ser entendidos não como uma forma de complicação da arte, mas sim como capacidade de estabelecer os relacionamentos de forma coerente. É uma questão de estilo.

Para Ostrower, a complexidade é um elemento fundamental da obra de arte. Ainda, de acordo com a autora, mesmo com o “vocabulário” formado por cinco elementos: “linhas, superfícies, volumes, cores e luz” (OSTROWER, 2013a, p.69), observa-se uma variedade infinita de relacionamentos possíveis. Pode-se entender, assim, que na qualidade expressiva da obra, criada com movimento visual e as tensões internas, a arte é capaz de expressar experiências e os sentimentos de vida e as transformações do artista. Como afirma a autora, “na arte, as formas boas são as formas expressivas; e só! Quando as formas não chegam a ser expressivas, também não chegam a ser artísticas”. (OSTROWER, 2013a, p.73)

À luz dessas considerações vejamos novamente o problema da complexidade de formas expressivas. De acordo com a estrutura que apresentam, as formas podem ser mais ou menos simples, ou também mais ou menos complexas. Aqui não é uma questão de quantidade. Em vez de riqueza quantitativa de detalhes, a complexidade indica a riqueza qualitativa de significados na forma, a partir da possível interpenetração de diferentes relacionamentos e de suas recíprocas definições (de função e significados). A complexidade consiste na síntese de vários níveis de significação condensados na mesma forma (OSTROWER, 2013a, p.73).

De acordo com Ostrower, a necessidade interior do artista em se expressar é uma necessidade existencial do ser humano e, ao mesmo tempo, configura-se como a própria imaginação criativa, alimentada por sua experiência de vida, cultura, memória. Articulada em sua percepção por suas associações, será estímulo à criação da singularidade das formas expressivas. Assim, a autora se refere à coerência no fazer. Isso compreende a complexa relação da expressividade na arte com a experiência de vida do artista.

Os elementos que entrarem na composição podem participar de diversas relações formais em diversos níveis estruturais ao mesmo tempo; outrossim, podem desempenhar, simultaneamente, funções de componente e de contexto – “componente”, em relação a um nível superior e “contexto” em relação a um nível inferior. Daí a complexidade das estruturas e dos conteúdos significativos nas obras de arte. Aliás, nessas estruturas complexas, é sobretudo nos níveis estruturais elevados [...] que se elaboram os processos criativos de síntese. São sínteses de totalidades integrando por sua vez um todo maior e mais complexo (OSTROWER, 2013a, p.74).

De acordo com Ostrower (2013a, p.95, grifos da autora), “*percebemos, compreendemos, criamos e nos comunicamos, sempre por intermédio de imagens, formas*”. A autora fundamenta que as linguagens simbólicas no processo perceptivo de um indivíduo se caracterizam na transformação de significados e imagens através de suas experiências vivenciais. Nesse processo, as formas de linguagem têm como referência as formas de espaço.

Tem-se assim que, nas artes visuais, o conteúdo expressivo se manifesta em formas espaciais que representam vivências individuais. Dessa forma, tanto os limites estruturais quanto a delimitação dos fenômenos servem como balizadores nos processos de criação e possibilitam a ampliação ou reformulação da matéria e do conteúdo, sem que se perca seus referenciais. Como a autora analisa, “nos processos de percepção, é preciso haver delimitações para que se possa conhecer a estrutura de uma forma, a ordenação de suas partes e os possíveis significados” (Ostrower, 2013a, p.103).

Segunda Ostrower, na arte, é a partir da ordenação das formas simbólicas que configuram em sua estrutura espacial a expressividade e a comunicação. Esse conceito na visão da autora é fundamental para que a arte não se qualifique apenas no sentido de terapia e não seja desqualificada de sua função social, cultural e espiritual. A autora afirma que “é a ampliação de nossa consciência através da sensibilidade. O estético encerra o ético. Nesse sentido, a arte continua sendo o que sempre foi: *um caminho de humanização*” (Ostrower, 2013a, p.115, grifos da autora).

Para Ostrower é possível avaliar a qualidade da linguagem artística de acordo com “as ordenações internas da configuração, as tensões e os ritmos e o seu equilíbrio” (Ostrower, 2013a, p.120-121) a partir das características de cada matéria. A autora ainda define as formas da arte “como símbolos da humanização do homem” (Ostrower, 2013a, p.121). Essa relação se estabelece a partir do significado existencial na sensibilidade perceptiva indivíduo.

Nesse contexto, em que o processo criativo se articula a percepção e a expressividade artística, a teoria de Fayga Ostrower pode ser relacionada ao ensino proposto pela abordagem triangular por Ana Mae Barbosa (2001). Em sua abordagem, Barbosa (2001) contempla o diálogo entre o fazer artístico, a apreciação e o contexto sócio histórico. Nessas relações, o fazer

artístico ocorre de forma contextualizada embasada por uma crítica da arte complementando a prática artística. A partir da compreensão da expressividade contextualizada na história da arte e o fazer artístico contemporâneo, a relação entre as autoras se dá na formação sensível da capacidade expressiva do aluno em perceber o mundo.

Na síntese de conteúdo, Fayga Ostrower critica a falsa simplicidade, “seria um modo de dessensibilizar as pessoas, subestimando sua inteligência e sensibilidade” (OSTROWER, 2013a, p.74-75). Todo o indivíduo é capaz sintetizar os significados na percepção e da mesma forma os compreender. As sínteses podem expressar as relações afetivas e a concepção na experiência de vida. Dessa forma, os elementos que configuram a visualidade são em si seu conteúdo de significados múltiplos e complexos: sentimentos de vida, visões de ser (OSTROWER, 2013a, p.79).

Fayga Ostrower aponta que a falta de diálogo, a dificuldade de compreensão e o desinteresse do público em geral na arte se dá por uma questão de sensibilidade. A autora crítica que na sociedade de consumo não há espaço para a sensibilidade das pessoas seja na educação ou no lazer.

5.1 Proposta artística educativa

A quarta proposta artística terá como ênfase a expressividade e as experiências vivenciais. Nessa proposta, a expressividade articula a relação com a natureza, às vivências individuais. A proposta terá como referência a artista Daiara Tukano (Figuras 4 e 5). A artista em sua obra evidencia a sabedoria, a ancestralidade indígena e a cosmovisão das florestas. Nesse sentido, a artista busca evidenciar em seu trabalho a cultura dos povos originários. Tukano traz imagens da sua cultura. A arte, desde a ancestralidade, para os povos indígenas caminha junto no desenvolvimento da sensibilidade, na humanização da sociedade. Isto é, no reconhecimento de si, em seu pertencimento e integração à natureza. É uma arte e uma cultura que valoriza as experiências vivenciais e espirituais.

A proposta artística consiste na realização de um “assemblage” (montagem) a partir da experiência do educando com a natureza. A proposta articula em sua montagem em sua realização a colagem de elementos da natureza, materiais reciclados, recolhidos pelos educandos, e a pintura, interferências visuais relacionados à experiência individual e à visão de mundo de cada educando. Assim, a expressividade pode ser caracterizada na interação e configuração espacial dos elementos em sua montagem. Essa proposta possibilita a aproximação com a natureza e a com vida e enfatiza a sensibilidade existencial.

Figura 4 – da esq. para dir. Selva Mae do Rio Menino, Dabucuri no céu e Kahpiwori



FONTE: DAIARA TUKANO.COM/ARTE (2022)

Figura 5 – da esq. para dir., Hori e Kahpi Hori



FONTE: DAIARA TUKANO.COM/ARTE (2022)

6. CONCLUSÃO

Esse artigo que se propõe a refletir sobre o campo da arte e da educação como tal não pode deixar faltar o afeto, que para todos os autores debatidos é um fator essencial na aprendizagem e na vida. Pode-se comparar a teoria desenvolvida por Fayga Ostrower à poesia, tendo em vista a afetividade na forma com que a autora trata o tema. Essa responsabilidade estética em ver a vida tem consonância com as teorias de Ana Mae Barbosa e Paulo Freire. Responsabilidade e afetividade no fazer. É de se encantar com a articulação proposta por Ostrower entre a sensibilidade e a percepção, a compreensão do espaço, a expressividade e a experiência vivencial do ser humano contextualizado em sua pluralidade cultural.

A constante transformação do ser humano é o próprio processo criativo. Assim, como Fayga Ostrower (2014) apresenta, é importante relembrar que os processos criativos não se dão apenas na arte, são sobre tudo, uma forma de se pensar, de se estar no mundo. Entretanto, esse

processo pode se desenvolver de modo cada vez mais complexo de acordo com sua coerência no fazer investigativo de sua matéria ou de forma superficial, em que se há a falsa satisfação das necessidades de consumo.

É fundamental destacar na teoria de Ostrower a relação entre a sensibilidade e a percepção como porta de entrada do indivíduo para o mundo, tendo em vista a sua conscientização. É a sensibilidade que se configura como o estado de atenção do indivíduo consigo mesmo e com o mundo ao se redor. A partir da delimitação dos fenômenos, a sensibilidade se torna consciente configurando a percepção. São a sensibilidade e a percepção que qualificam a capacidade de criar do indivíduo dentro da sua cultura. O ser humano vive num continuo a criar, intuitivo, a fim de se realizar em sua necessidade existencial.

Assim como a sensibilidade e a percepção que traduzem a abertura para o mundo, cabe destacar a importância do conceito do espaço como mediador entre a percepção e as experiências vivenciais. Além de estar presente no desenvolvimento perceptivo do indivíduo, o espaço configura essas experiências. O espaço configura o ser humano e o mundo ao seu redor, assim também as suas formas de linguagem e de criação.

As formas de linguagem expressam o conteúdo da própria vida. A partir de delimitações espaciais que qualificam a expressividade, a linguagem poderá se desdobrar das mais variadas formas dentro do seu referencial. Assim, de acordo com a maturidade das pessoas, podem-se observar mudanças na sua forma expressiva. Portanto, a realização da expressividade é fundamental, tanto para a arte quanto para o indivíduo, para o desenvolvimento afetivo, social, cultural e espiritual.

As propostas artísticas educacionais são atividades teórico práticas a serem desenvolvidas por mim futuras experiências educacionais. São também uma forma de colocar em prática os conceitos desenvolvidos nesse artigo, articulando-os à pluralidade das artes visuais e das experiências vivenciais dos educandos. Procura-se, desse modo, possibilitar a ampliação da sensibilidade do educando na busca por novas narrativas em sua vida que compreenda sua forma de viver, sonhar e imaginar.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Jonathas. **Educação para adultos** Disponível em: <<https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/educacao-para-adultos> >. Acessado em: 20 de abril de 2022.

Arte que cura; Ka' a Corpo: Cosmovoisões da Floresta Destaca obras de artistas indígenas mulheres. **Revista Selec**, 25 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.select.art.br/arte-que-cura/>>. Acessado em: 21 de abril de 2022.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho**: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2014.

CASTRO, Panmela. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa558382/panmela-castro>>. Acessado em: 21 de abril de 2022.

CASTRO, Panmela. **Ninguém duvida de mim sem mentir pra si mesmo**. Disponível em: <<https://panmelacastro.wordpress.com/about/>>. Acessado em: 20 de abril de 2022.

CASTRO, Panmela. **Panmela Castro**. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/panmela-castro/>>Acessado em: 20 de abril de 2022.

CASTRO, Panmela. **Vigília**. Disponível em: <<https://panmelacastro.wordpress.com/portfolio/vigilia/>>. Acessado em: 20 de abril de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LAURIANO, Carolina. **A mãe tá on**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CcDc7ILr6Uf/>>. Acessado em: 23 de abril de 2022.

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto, (org.). **O Olhar**. SP: Companhia das Letras, 1988. Disponível em: <<https://artepensamento.com.br/item/a-construcao-do-olhar/>>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2022.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 1ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013a.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. 1ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013b.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROOXO, Priscila. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CbK7tzyLNB5/>> Acessado em: 02 de maio de 2022.

ROOXO, Priscila. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CbpsnFqraCd/>> Acessado em: 02 de maio de 2022.

ROOXO, Priscila Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CcdFm0RLemz/>> Acessado em: 02 de maio de 2022.

TUKANO, Daiara. Arte. Disponível em: <<https://www.daiaratukano.com/arte>. Acessado em 02 de maio de 2022.

TUKANO, Daiara. Clipping. Disponível em: <<https://www.daiaratukano.com/agenda>>. Acessado em 20 de abril de 2022.

TUKANO, Daiara. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641365/daiara-tukano>>. Acessado em: 21 de abril de 2022.